

Festivais e Mostras: espaços de trocas e contaminações entre corpos que dançam em Pernambuco

Liana Gesteira Costa¹

Lançar um olhar sobre os festivais e mostras de dança que aconteceram no Recife revela algumas particularidades sobre o cenário atual dessa arte na cidade. Essas ações, primeiramente são reconhecidas por promoverem um espaço de visibilidade para a produção de dança local. Uma análise mais atenta sobre esse contexto, entretanto, expõe a contribuição desses eventos para a profissionalização e a formação dos artistas e grupos locais.

A década de 80 foi o marco inicial dessas iniciativas, com o surgimento do primeiro festival que funcionou durante sete anos, com continuidade: o Ciclo de Dança do Recife (1983-1990). O evento agregava em sua programação artística diferentes estéticas de dança e promovia uma vitrine da produção de dança profissional e amadora da época. O evento era realizado pela Fundação de Cultura da Cidade do Recife, e teve a parceria e apoio, ao longo dos anos, do Governo Estadual e do Ministério da Cultura. O bailarino e produtor Fred Salim foi o principal coordenador do evento, que teve ainda em sua coordenação a participação de Adhelmar de Oliveira (hoje Pedro Oliveira) como produtor no primeiro ano do evento, e de Isolda Pedrosa e Helena Pedra nos anos seguintes.

Os programas do Ciclo de Dança revelam uma opção do evento por apresentar um ou dois espetáculos por noite, de companhias nacionais e recifenses, com trabalhos de diferentes vertentes estéticas: balé clássico, danças populares, dança moderna, dança contemporânea, etc. As obras eram apresentadas em sua versão completa, priorizando a apreciação total do trabalho. A programação do evento trouxe para a cidade trabalhos de companhias que são referência da dança nacional a exemplo do Balé do Teatro Castro Alves (III Ciclo de Dança – 1985), do Grupo Corpo (IV Ciclo de Dança - 1986) e do Balé Stagium (II Ciclo de Dança - 1984). E também promoveu um espaço profissional para a apresentação das escolas da cidade, a exemplo do Studio de Danças, Academia Nelma Guerra, e dos grupos de danças populares como o Balé de Cultura Negra do Recife (IV

¹ Coordenadora do Acervo RecorDança, bacharel em Comunicação Social/Jornalismo pela Universidade Católica de Pernambuco e especialista em Dança pela Faculdade Angel Vianna.

Ciclo de Dança - 1986) e o Balé Primitivo de Arte Negra (II Ciclo de Dança do Recife – 1984).

O Ciclo de Dança também proporcionou um lugar de experimentação para artistas independentes da época, que se apresentavam na Mostra de Coreografias do Ciclo de Dança. Essa Mostra apresentava as primeiras investidas em criação de alguns artistas da dança, e tinha um caráter competitivo, premiando com dinheiro os três melhores trabalhos. A III Mostra de Coreografias do Ciclo de Dança, realizada em 1986 (DVD 06), por exemplo, reuniu a apresentação de coreografias de artistas que até hoje mantêm uma carreira ligada às atividades de dança na cidade: Giordani Gorki (Kiran), Black Escobar, Ana Elena Janovitz. E também reúne trabalhos do início da formação de alguns grupos: a companhia de Roberto Espíndola e o grupo Retornança.

O Ciclo de Dança foi um ambiente estruturante para realização de um grande evento de dança na cidade, investindo em um espaço mais adequado tecnicamente para a apresentação dos artistas locais e promovendo um lugar de intercâmbio com os artistas de grupos nacionais que nele se apresentavam. Mesmo a iniciativa questionável de realizar uma Mostra de Coreografias de caráter competitivo pode ser percebida como uma ação de fomento a profissionalização, que estimulava os artistas em formação a criarem e se apresentarem em público.

Esse empreendimento foi a base, e um modelo, para as outras propostas de festivais e mostras que surgiram na década de 90, seja reforçando ou negando suas opções. Nessa década, diversas iniciativas surgiram na cidade, a exemplo do Dança para Todos (década de 80); Estação Dançar (1989-1991 e 1996); Quartas Em 1 Ato (1990 e 1991); Dançando na Chuva (1992); Festival de Dança do Recife (1996), entre outros. Este último está atuante até hoje e, atualmente, é nomeado Festival Internacional de Dança do Recife.

A Estação Dançar (1989-1991 e 1996) seguiu a mesma concepção de diversidade em sua programação, reunindo diferentes estilos de dança, mas ampliando o espaço para a apresentação dos artistas locais. Essa iniciativa se apresentou como um espaço de germinação para dos grupos e companhias, que até então pouco existiam na cena recifense. A edição do Estação Dançar de 1991 reuniu alguns grupos hoje consolidados no cenário profissional. Os registros em vídeo desse evento contêm a apresentação do

espetáculo Procissão dos Farrapos, do Balé Brincantes (DVD 01); do espetáculo Ilustração e Luzeiro da Compassos Cia de Danças (DVD 04); e as coreografias Maria Del Mar; Entre Lobos e Homens; O Jogo da Primeira Dança e B de Beatles, da Companhia dos Homens (DVD 10). A perspectiva de um espaço que pudesse abrigar a produção dos artistas locais, semeada desde a realização dos Ciclos de Dança, estimulou a estruturação de um cotidiano de aulas e ensaios, culminando na organização de grupos e companhias em Recife.

Nos registros em vídeo da Estação Dançar de 1996, encontramos a apresentação de coreografias do Grupo Experimental (DVD 11), Vias da Dança (DVD 11), da Companhia de Dança Henrique Schüller (DVD 11), bem como de trabalhos de academias de dança de salão, como a Etc e Tal (DVD 11) e de balé clássico, como o Stúdio de Danças (DVD 11).

A escolha do Estação Dançar era o de realizar apresentações gratuitas de dança para o grande público, em palcos montados na rua. E em seus primeiros anos ainda possibilitou a circulação de espetáculos pelo interior de Pernambuco. A edição do Estação Dançar de 1991, ocorrido em outubro e novembro, circulou por Caruaru, Arcoverde, Macaparana, Camaragibe, Palmares, Timbaúba, Limoeiro, Garanhuns e Águas Belas. Mais uma vez o bailarino Fred Salim esteve à frente deste evento, juntamente com outros artistas da cidade como Lucia Helena Gondra e Isolda Pedrosa.

Pelos registros em vídeo podemos perceber que o formato de abraçar a diversidade de produção da cidade culminou em uma fragmentação do espaço, que não mais priorizava a apresentação de espetáculos na íntegra e sim a exibição de uma maratona de coreografias numa mesma programação. E percebemos na produção profissional da época uma contaminação por esse pensamento de criação de obras fragmentadas. Alguns grupos criavam em uma perspectiva de obras curtas, como era o caso da Cia dos Homens, que em seus primeiros anos promoveu criações de no máximo 30 min. Outros grupos já continham na constituição do espetáculo uma divisão de cenas interdependentes. Ou seja, elas podiam ser apreciadas fora do contexto da obra, pois tinham uma coerência individual. Esse era o caso do espetáculo Imagem, do Cais do Corpo, que na Estação Dançar de 1996 teve uma de suas cenas apresentadas, a coreografia Jangada da Medusa (DVD 25).

Esse formato fragmentado também teve influência para uma deficiência da estrutura técnica, sem possibilidade de realizar uma iluminação adequada para cada trabalho e com menos possibilidades do uso de cenários. Nos registros em vídeo do Estação Dançar de 1991, os espetáculos parecem ter o mesmo cenário, que na verdade era a estrutura de palco de madeira que em seu fundo abarcava o nome do evento pintado em grande tamanho.

O Festival de Dança do Recife surgiu em 1996 (DVD 33), sob a coordenação de Shiro (Luiz Tomashiro), Mônica Lira e Andréa Carvalho, e apontava para a mesma perspectiva de formato “fragmentado”, com o tempo máximo 20 min para apresentação de cada coreografia. Nos DVDs 32 e 33, é possível conferir a diversidade de trabalhos de dança que eram apresentados durante a programação, numa miscelânea de apresentações de coreografias de grupos e artistas profissionais e em formação.

Em 2002, o Festival inicia uma mudança em seu formato e em 2003 passa a ser incorporado como evento oficial da Prefeitura do Recife. O evento assume um perfil mais definido com trabalhos selecionados por uma curadoria especializada, e com uma oferta de melhor estrutura para apresentação de espetáculos na íntegra. Se por um lado esse formato representou um ganho, com a apresentação e apreciação de obras completas e conexas entre si, promovendo um espaço de reflexão estética. Por outro lado, representou um fortalecimento da vertente da dança contemporânea, em detrimento de outras produções da cidade.

Houve, então, uma lacuna para a apresentação de artistas e grupos ainda em formação e de alguns estilos como a dança do ventre, o balé clássico, a dança de salão, entre outros, que foi suprida pelo aparecimento de novos eventos a exemplo do Festival Estudantil de Teatro e Dança (2003) e pela Mostra Brasileira de Dança (2003). O Festival Pernambuco em Dança (2000) também é um dos espaços que agrega essas diferentes experiências em dança do Estado, e é realizado pelo produtor Fred Salim, que foi responsável pelo Ciclo de Dança e pela Estação Dançar.

O Janeiro de Grandes Espetáculos (1994), apesar de não ser um evento específico da área de dança, pois abarca a produção de artes cênicas, tem se revelado como um espaço de

legitimação de muitos artistas da cidade. O evento reúne espetáculos estreados em Pernambuco no ano anterior a sua realização e promove uma série de premiações dessas obras, elegendo os melhores espetáculos em diferentes categorias (dança, teatro, teatro infantil, etc) e os melhores artistas em suas diferentes funções (melhor bailarina, melhor iluminador, melhor figurinista, etc). Muitos grupos de dança da cidade destacam em seus currículos os prêmios concebidos pela Associação dos Produtores de Artes Cênicas de Pernambuco – APACEPE, realizadora do evento.

Ainda nesse contexto, percebemos uma outra perspectiva de evento, com a criação do evento Plataforma de Dança. Em 2005, o Movimento Dança Recife (DVD 61), associação de artistas da sociedade civil, que foi criado com o objetivo de discutir políticas públicas para a dança, realizou uma mostra, intitulada Plataforma Recife de Dança Contemporânea (DVD 61). A iniciativa foi idealizada como uma estratégia de protesto diante da escassez de projetos de dança aprovados no Fundo Estadual de Incentivo à Cultura (Funcultura). A ação teve adesão de vários artistas da cidade que durante três meses ocuparam a pauta do Teatro Arraial com espetáculos, dando visibilidade a produção de dança feita pela cidade, e atraindo a atenção da mídia e do público. O sucesso desta ação acarretou a continuidade da Plataforma de Dança como evento da cidade em 2006, 2007, 2009 e 2010, priorizando fomentar a discussão estética e política no cenário local a partir da realização de debates e discussões.

Espaços de Formação

O olhar debruçado sobre o contexto dos festivais e mostras de Recife, também revelou outra peculiaridade sobre a contribuição desses acontecimentos para a cena de dança. As entrevistas com os artistas apontaram também para a importância desses eventos para a formação do corpo dançante recifense. Um dado que fica escondido nas entrelinhas das histórias pessoais, mas que ao serem desvendados mostram uma outra perspectiva de atuação desses grandes eventos. Segundo Jaques Revel, “Fenômenos maciços que estamos habituados a pensar em termos globais, (...), podem ser lidos em termos completamente diferentes se tentarmos apreendê-los por intermédio das estratégias individuais, das trajetórias biográficas, individuais, dos homens que foram postos diante deles. Eles não se tornam, por isso, menos importantes. Mas são construídos de maneira diferente” (Apud CERBINO, 2005:61).

Os depoimentos concedidos ao RecorDança apontaram que as oficinas ministradas durante os eventos promovidos na cidade se configuraram como um dos espaços mais atuantes de formação de técnicas de dança para os artistas cidade. Foram esses eventos que possibilitaram a vinda de profissionais renomados do cenário nacional e internacional, especializados em diferentes estéticas.

No programa do Ciclo de Dança de 1985, está registrada a realização de cursos de dança clássica, com Tatiana Leskova; de dança moderna, com Clyde Morgan; de modern jazz, com Marly Tavares. Em 1986, o Ciclo ofereceu cursos de modern jazz, com Vilma Vernon; de dança clássica, com Halina Bienarka; e de dança moderna, com Sônia Mota. O Festival de Dança do Recife, em seus primeiros anos, também oferecia uma extensa grade de oficinas de dança de salão, dança do ventre, dança contemporânea, etc. Nas entrevistas gravadas pelo Acervo RecorDança, muitos artistas locais destacaram alguns desses professores acima como destaques de sua formação ou como estímulos para promover o estudo em uma técnica de dança específica. Muitos desses professores, inclusive retornaram para a cidade posteriormente, dando prosseguimento ao ensino de alguma técnica, o que demonstra uma demanda dos artistas por uma formação mais continuada.

É importante ressaltar que antes da década de 90, Recife nunca abrigou uma instituição formal de ensino, seja de perfil técnico ou acadêmico. Em 1991 foi fundada a Escola Municipal de Arte João Pernambuco, que hoje oferece, gratuitamente, cursos profissionalizantes e oficinas nas áreas de música, canto coral, teatro, artes visuais, dança e técnica vocal. Em 1996, foi implantada a Escola de Frevo, atualmente intitulada de Escola Municipal de Frevo Maestro Fernando Borges, que tinha como objetivo oferecer aulas de frevo gratuitas para alunos da rede municipal de ensino e até hoje oferece aulas gratuitas dessa dança. Só a partir de 2009 que o Curso de Licenciatura em Dança na Universidade Federal de Pernambuco inicia suas atividades. Como, até a década de 80, não existia nenhuma instituição que promovesse a formação continuada de profissionais na cidade, eram os festivais que traziam uma perspectiva de ampliação do repertório dos artistas locais. E esse contexto contribuiu para uma difusão fragmentada de diferentes técnicas, atuando nos corpos dos profissionais que hoje são os coreógrafos e diretores dos grupos e companhias da cidade.

Assim, percebemos o contexto dos eventos de dança do Recife como um espaço de negociação das demandas da produção artística, apontando para movimentos de continuidades e rupturas de modelos, que suscitaram diferentes suportes para a profissionalização, formação e difusão da criação da cidade. É possível perceber, nesse contexto, o jogo de escolhas momentâneas por alguns perfis de festivais: com apresentações de obras completas ou com fragmentos de coreografias; com palcos montados na rua ou com oferta de palcos tecnicamente mais estruturados; com a realização de mostras competitivas; com espaços de apresentação de diferentes estéticas; com espaços de discussão e de formação; e etc.

Como sugere Fabiana Britto em seu livro *Temporalidade em dança: parâmetros para uma história contemporânea*, é importante analisar historicamente essas ações não com um nexo temporal de causa e consequência, mas sim como uma complexa rede de relações engendradas no cenário da dança recifense. “Os acontecimentos ou obras são, contudo, descontínuos entre si, porque não são versões melhoradas (ou pioradas) dos seus antecessores, mas sínteses transitórias das relações de coerências acumuladas no ambiente, ao longo do tempo.” (BRITTO, 2008:94)

Assim, olhar para as iniciativas de mostras e festivais de dança criados em Recife recai sobre a perspectiva de organização de espaços para diferentes demandas do corpo dançante da cidade. São espaços de contaminação, que atuam em um fluxo de trocas com os artistas da cidade, influenciando e sendo influenciados, de acordo com os contextos de criação, profissionalização e formação.

Referências Bibliográficas

BENJAMIN, Walter. *Sobre o conceito de história*. In: *Obras escolhidas: magia e técnica, arte e política*. 7.ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. p.222- 232.

BRITTO, Fabiana Dultra. *Temporalidade em dança: parâmetros para uma história contemporânea*./ Fabiana Dultra Britto. Belo Horizonte: Fabiana Dultra Britto, 2008. 1.ed.

CERBINO, Beatriz. *História da Dança: considerações sobre uma questão sensível*. In Lições de Dança 5 Escola de Comunicação e Artes. Curso de Dança; coordenação Roberto Pereira – Rio de Janeiro: UniverCidade Ed., 2005.

VIEIRA, Jorge de Albuquerque. *Teoria do Conhecimento e Arte: formas de conhecimento – arte e ciência uma visão a partir da complexidade*. / Jorge de Albuquerque Vieira – Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2008.

Documentos do RecorDança consultados:

ACERVO RECORDANÇA. Iconografia. *II Ciclo de Dança do Recife*. 1984. Recife, 2004. Disponível em:
<<http://200.17.132.93/recordanca/SaidaIconografia.aspx?origem=TBIconografia®istro=00110300501PE>> Acesso em: 15. abr. 2011.

ACERVO RECORDANÇA. Iconografia. *II Ciclo de Dança do Recife*. 1984. Recife, 2004. CD-rom Impressos 01

ACERVO RECORDANÇA. Iconografia. *III Ciclo de Dança do Recife*. 1985. Recife, 2004. CD-rom Impressos 01.

ACERVO RECORDANÇA. Iconografia. *IV Ciclo de Dança do Recife*. 1986. Recife, 2004. CD-rom Impressos 01.

ACERVO RECORDANÇA. Audiovisual. *III Mostra de Coreografias do Ciclo de Dança*. 1986. Recife, 2004. DVD 06,

ACERVO RECORDANÇA. Iconografia. *Estação Dançar*. 1991. Recife, 2004. CD-rom Impressos 01.

ACERVO RECORDANÇA. Audiovisual. *Procissão dos Farrapos*. 1991. Recife, 2004. DVD 01.

ACERVO RECORDANÇA. Audiovisual. *Ilustração e Luzeiro*. 1991. Recife, 2004. DVD 04.

ACERVO RECORDANÇA. Audiovisual. *Maria Del Mar*. 1991. Recife, 2004. DVD 10.

ACERVO RECORDANÇA. Audiovisual. *Entre Lobos e Homens*. 1991. Recife, 2004. DVD 10.

ACERVO RECORDANÇA. Audiovisual. *O Jogo da Primeira Dança*. 1991. Recife, 2004. DVD 10.

ACERVO RECORDANÇA. Audiovisual. *B de Beatles*. 1991. Recife, 2004. DVD 10.

ACERVO RECORDANÇA. Audiovisual. *Nada Muito Sério*. 1996. Recife, 2004. DVD 11.

ACERVO RECORDANÇA. Audiovisual. Vias da Dança. 1996. Recife, 2004. DVD 11.

ACERVO RECORDANÇA. Audiovisual. Companhia de Dança Henrique Schüller. 1996. Recife, 2004. DVD 11.

ACERVO RECORDANÇA. Audiovisual. Bolero. 1996. Recife, 2004. DVD 11.

ACERVO RECORDANÇA. Audiovisual. Swing. 1996. Recife, 2004. DVD 11.

ACERVO RECORDANÇA. Audiovisual. Rock and Roll. 1996. Recife, 2004. DVD 11.

ACERVO RECORDANÇA. Audiovisual. O Quebra-Nozes. 1996. Recife, 2004. DVD 11.

ACERVO RECORDANÇA. Audiovisual. Rua Luz. 1996. Recife, 2004. DVD 11.

ACERVO RECORDANÇA. Audiovisual. Pra você. 1996. Recife, 2004. DVD 11.

ACERVO RECORDANÇA. Audiovisual. A Jangada da Medusa. 1996. Recife, 2004. DVD 25.

ACERVO RECORDANÇA. Audiovisual. Festival de Dança do Recife. 1996. Recife, 2004. DVD 33.

ACERVO RECORDANÇA. Audiovisual. Festival de Dança do Recife. 1999. Recife, 2004. DVD 32.

ACERVO RECORDANÇA. Audiovisual. Plataforma Recife de Dança Contemporânea. 2005. Recife, 2011. DVD 61

ACERVO RECORDANÇA. Audiovisual. Plataforma Recife de Dança ANO III. 2007. Recife, 2011. DVD 61.

ACERVO RECORDANÇA. Audiovisual. Movimento Dança Recife - Ações 2006. 2006. Recife, 2011. DVD 61